



Charge e o discurso político entre o humor e a sátira: O processo de transição para democracia sul-africano¹

Renata de Paula dos SANTOS²

Rozinaldo Antonio MIANI³

Universidade Estadual de Londrina, Londrina, PR

RESUMO

Este artigo é resultante de análise desenvolvida durante o Curso de Especialização em Comunicação Popular e Comunitária da Universidade Estadual de Londrina (UEL). O texto aborda o papel da charge como ferramenta para uma comunicação política. Para isso, serão utilizadas charges dos ilustradores sul-africanos Tony Grogan (1990), Nanda Soobben (1995) e Jonathan Zapiro (2010). O período de análise visa contemplar três momentos diferentes na história sul-africana: *apartheid*, governo de transição e democracia multirracial. O foco das ilustrações está na figura do líder Nelson Mandela. Como referencial destacam-se Antonio Gramsci, Mikhail Bakhtin e Umberto Eco. Para o desenvolvimento do trabalho foram utilizadas as metodologias de análise do discurso chárstico, pesquisa bibliográfica e pesquisa historiográfica.

PALAVRAS-CHAVE

África do Sul; *Apartheid*; Charge; Ideologia; Nelson Mandela.

INTRODUÇÃO

Classificada como um elemento comunicativo pertencente às linguagens iconográficas, a charge é entendida neste trabalho como uma prática discursiva, política e ideológica.

Por meio da combinação entre o traço (elemento pictórico) e o texto (elemento verbal), o chargista utiliza de situações e personalidades reais para transmitir sua mensagem. Com base nisso, é possível afirmar duas características do formato: sua efemeridade enquanto meio comunicacional e sua relação direta com os fatos, o que

¹ Trabalho apresentado ao IJ 07 - Comunicação, Espaço e Cidadania do XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 31 de maio a 2 de junho de 2012.

² Graduada em Comunicação Social – Habilitação Jornalismo pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Pós-graduanda em Comunicação Popular e Comunitária e mestranda em Comunicação pela mesma instituição. Bolsista da Capes. E-mail: renatapstos@hotmail.com.

³ Orientador do trabalho. Pós-doutorando na Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (USP). Doutor em História pela mesma instituição. Coordenador do curso de especialização em Comunicação Popular e Comunitária da Universidade Estadual de Londrina (UEL). E-mail: ramiani@uol.com.br.



exige do leitor o acesso às informações (sobretudo políticas) para compreensão da mensagem.

Outro elemento recorrente na charge é a caricatura. Segundo Romualdo (2000), ao caricaturar uma personagem política, o chargista torna público os defeitos escondidos do representado. É por meio do humor, que o formato “mina a lei” (ECO, 1989).

Para exemplificar e reforçar estas características no contexto jornalístico serão utilizados o conceito de hegemonia de Antonio Gramsci e alguns pontos da filosofia da linguagem de Mikhail Bakhtin. A análise será aplicada em trabalhos dos chargistas sul-africanos Tony Grogan, Nanda Soobben e Jonathan Zapiro, nos anos de 1990, 1995 e 2010, respectivamente.

O intuito da pesquisa, iniciada no Curso de Especialização em Comunicação Popular e Comunitária da Universidade Estadual de Londrina (UEL), foi observar como o período de transição do *apartheid* para a democracia ocorreu. O foco das ilustrações está na figura de Nelson Mandela.

CHARGE: O DISCURSO POLÍTICO ENTRE O HUMOR E A SÁTIRA

Neste trabalho a charge será apresentada como uma modalidade das linguagens iconográficas, assim como as histórias em quadrinhos, as caricaturas e os cartuns. Composta geralmente por um único quadro, esta representação intertextual possui uma natureza dissertativa e é entendida como uma prática discursiva e ideológica.

Situada geralmente na página de opinião dos jornais diários, a charge não se limita à reprodução do texto verbal, mas tem o objetivo de apresentar uma opinião sobre determinado fato, ou seja, uma interpretação.

A charge tem como função transmitir informações por meio do traço do chargista (sistema pictórico) agregado ao texto. O elemento comunicativo é essencialmente opinativo e com ligação direta com a realidade. Por utilizar o humor na abordagem de temas políticos, atuais e relevantes, a charge permite ao leitor a identificação dos fatos e dos personagens. No entanto é necessário salientar que:

Outro elemento importante a destacar é a efemeridade da charge, que geralmente é esquecida quando o acontecimento a que se refere se apaga de nossa memória individual ou social (porém, ela permanece viva enquanto memória histórica). (MIANI, 2001, p.3).



Em outras palavras, pode-se afirmar que a charge com o passar do tempo perde seu efeito enquanto produto comunicativo. Com o transcorrer dos fatos, é muito provável que o argumento utilizado pelo artista não permaneça na memória dos leitores. Mas, em contrapartida, a charge se converte em fonte para pesquisa histórica. O que permite ao pesquisador analisar, interpretar e até mesmo identificar posicionamentos e fatos políticos de uma determinada realidade.

Neste presente artigo, a charge será tomada como fonte de pesquisa histórica. Este breve texto integra a análise desenvolvida durante a produção da monografia de especialização em Comunicação Popular e Comunitária da Universidade Estadual de Londrina (UEL). O trabalho analisa o processo da transição política da África do Sul (do *apartheid* para a democracia multirracial), com destaque à figura do líder negro e ex-presidente do país Nelson Mandela⁴.

Como características constituintes da charge, Miani (2005) aponta a revelação e a defesa de uma ideia com caráter político, baseada na sátira de um fato ou de um indivíduo. A esse respeito, é possível perceber que

Como um produto comunicativo, devemos destacar e aprofundar algumas de suas características constitutivas, em especial, a presença do humor, a efemeridade e sua polifonia interna. A primeira característica diz respeito ao fato de que toda modalidade de linguagem iconográfica é marcada pela presença do humor; na charge esse elemento é essencialmente significativo, pois o desenho que retrata fatos ou situações reais com o objetivo claro de criticar e denunciar, também se vale da sátira e do exagero para explicar seus propósitos. (MIANI, 2005, p.27).

O humor é o elemento da charge que possibilita a refração da realidade. Tomando como base recursos presentes no universo do receptor, o chargista constrói a sua crítica social. É essa função (humor) que provoca o riso.

O traço hiperbólico, o destaque acentuado a determinadas características, em sua grande maioria negativas, a caricatura e as piadas ambíguas têm o sentido de quebra, de revelação. Umberto Eco classificou o humor como *transgressão*. No texto *Los Marcos de la Libertad Cómica*, de 1989, o autor conceitua que o humor é uma forma de crítica social (com características metalinguísticas e metasemióticas).

⁴ Como marcos históricos para a condução da análise, considera-se os anos de 1990 e 1994. O primeiro representado pela libertação de Nelson Mandela e o segundo como a data da primeira eleição multirracial no país.

Así, la realización del humor funciona como una forma de crítica social. El humor siempre es, se no metalingüístico, sí metasemiótico: a través del lenguaje verbal o algún otro sistema de signos, pone en duda otros códigos culturales. Si hay una posibilidad de transgressión, está más bien en el humor que em lo cómico. (ECO, 1989, p. 19).

Por meio do humor, o chargista realiza um processo de inversão social com o *destronamento dos poderosos*⁵. Tal recurso é uma ferramenta frequente que lança por terra a ordem social. Esse é um dos fatores que elevam a charge à posição de produto comunicacional político e contestatório. Ainda sobre as características do humor, Eco (1989, p.19) aponta que:

El humor no pretende, como el carnaval, llevarnos más allá de nuestros propios limites. Nos da la sensación, o más bien el diseño de la estructura de nuestros propios limites. Nunca está fuera de los limites, sino que mina los limites desde dentro. No busca una libertad imposible, pero es un verdadero movimiento de libertad. El humor no nos promete liberación: al contrario, nos advierte la imposibilidad de una liberación global, recordándonos la presencia de una ley que ya no hay razón para obedecer. Al hacerlo, mina la ley. Nos hace sentir la molestia de vivir bajo una ley, cualquier ley.

Ainda na discussão da charge, o pesquisador Edson Carlos Romualdo (2000) descreve o formato como uma manifestação de caráter visual da capacidade textual do ser humano. Assim como as HQs e outros formatos pertencentes às linguagens iconográficas, a charge é composta por uma combinação de símbolos linguísticos com o objetivo de representar a fala dos personagens. E é justamente a relação entre as demarcações verbais e visuais⁶ que contribuem para a formação de sentido na ilustração.

Outra perspectiva interessante que auxilia na compreensão da charge enquanto formato comunicativo, político e ideológico foi desenvolvida pelas pesquisadoras Maria Ogécia Drigo e Luciana Coutinho Pagliarini de Souza no artigo *A charge política jornalística como processo sígnico*. As autoras conceituam que a presença dos códigos verbais e icônicos constitui a natureza dialógica da charge.

⁵ Conceito trabalhado pelo autor Edson Carlos Romualdo em Charge jornalística: intertextualidade e polifonia: um estudo de charges da Folha de S. Paulo.

⁶ As autoras Maria Ogécia Drigo e Luciana Coutinho Pagliarini de Souza classificam a charge como um elemento híbrido.

A presença desses dois códigos constitui a natureza dialógica da charge: palavra e imagem habitando um mesmo espaço intra ou extracharge (charge/jornal) estabelecem relações de redundância, complementaridade ou, até mesmo, de discrepância. Independentemente da relação que estabelecem, texto visual e texto verbal dialogam nesse sistema de linguagem sobre o qual nos debruçamos.

O texto icônico que compõe este sistema de linguagem, feito de linhas e formas que encerram idéias, conceitos, constitui-se de: a) oposições puras (vertical/horizontal; preto/figura; branco/fundo); b) predomínio de retas, curvas, diagonais que elaboram a deformação caricatural, usando os traços hiperbólicos que se tornam rudes a partir do momento em que o signo se “engravidar” de ideologia. Pensamos que isto se dá devido ao fato de que todo signo tem um objeto, ou seja, todo signo se refere a um existente do mundo. O modo como ele se apresenta – fase da referência, fase de significação – é composto de qualidades, de elementos que o caracterizam em relação ao objeto. O signo denuncia o modo como o referente está presente dentro dele (do próprio signo), e, neste momento, o signo se enche de ideologia. (DRIGO; SOUZA, 2008).

Tomando como base a classificação dos autores até aqui citados da charge como um formato político-opinativo, este elemento será utilizado para retratar aspectos do processo de transição política da África do Sul (*apartheid* para democracia), com destaque à figura de Nelson Mandela. Para isso, a charge será trabalhada neste artigo como uma ferramenta para disputa do campo da ideologia.

CHARGE E TRANSGRESSÃO: MEIOS PARA UMA COMUNICAÇÃO CONTRA-HEGEMÔNICA

A transgressão da ordem vigente (inversão dos papéis sociais) é um dos elementos da charge que, de fato, provocam o riso no leitor. Para provocar a “graça” é necessário que a mensagem seja integralmente compreendida e identificada. Desta forma, é possível afirmar que os argumentos construídos pelos chargistas, necessariamente seguem um repertório. Tal conceito engloba além da linguagem, os valores sociais, culturais e até mesmo situações vividas pelo indivíduo. (ROMUALDO, 2000).

Por ser um elemento comunicativo ideologicamente demarcado, a charge está sempre presente em formatos de comunicação contra-hegemônicos. Ainda que presente nos jornais diários tradicionais, o formato pode ser usado na luta pelo



estabelecimento de outro tipo de sociedade. As charges que serão utilizadas neste artigo foram publicadas em jornais de grande circulação na África do Sul.

Em sua constituição, a charge pode ser entendida como um sistema de signos. Tomando por base a teoria semiótica marxista de Mikhail Bakhtin (1997, p. 32), considera-se que todo signo é ideológico.

Os signos também são objetos naturais, específicos, e, como vimos, todo produto natural, tecnológico ou de consumo pode tornar-se signo e adquirir, assim, um sentido que ultrapasse suas próprias particularidades. Um signo não existe apenas como parte de uma realidade; ele também reflete e refrata uma outra. Ele pode distorcer essa realidade, ser-lhe fiel, ou apreendê-la de um ponto de vista específico, etc. Todo signo está sujeito aos critérios de avaliação ideológica (isto é: se é verdadeiro, falso, correto, justificado, bom, etc). O domínio do ideológico coincide com o domínio dos signos: são mutuamente correspondentes. Ali onde o signo se encontra, encontra-se também o ideológico. *Tudo que é ideológico possui um valor semiótico.*⁷

Partindo dessa definição proposta por Bakhtin, é possível afirmar que o discurso chágico pode-se apresentar como um meio de contestação da realidade. Nesse contexto, destaca-se o conceito de *hegemonia* cunhado pelo teórico marxista Antonio Gramsci. Italiano, Gramsci desenvolveu durante os anos em que esteve preso pela ditadura fascista considerações sobre a luta de classes. Na problemática da hegemonia, o autor assegura que a burguesia mantém sua posição na sociedade, por meio da coerção física e da conquista do consenso.

No artigo *Comunicação, hegemonia e contra-hegemonia: a contribuição teórica de Gramsci*, o autor Dênis de Moraes explica de maneira clara como essa discussão se configura nos dias atuais:

O conceito de hegemonia desenvolvido pelo filósofo marxista italiano Antonio Gramsci ajuda-nos a desvendar os jogos de consenso e dissenso que atravessam e condicionam a produção simbólica nos meios de comunicação, interferindo na conformação do imaginário social e nas disputas de sentido e de poder na contemporaneidade. No entender de Gramsci, a hegemonia pressupõe a conquista do consenso e da liderança cultural e político-ideológica de uma classe ou bloco de classes sobre as outras. Além de congregar as bases econômicas, a hegemonia tem a ver com entrecosques de percepções, juízos de valor e princípios entre sujeitos da ação política. (MORAES, 2010, p.54).

⁷ Grifo do autor.



Seguindo a discussão gramsciana, considera-se como hegemônica uma charge que reflita os interesses da classe dominante. No caso desta análise, a minoria branca da África do Sul. Já um formato contra-hegemônico, tem a função de desconstruir o discurso competente. Para isso, o chargista utiliza o seu repertório individual e seu argumento ideológico e até mesmo recursos do próprio traço, como a caricatura.

Portanto, é fato que:

A charge busca pôr a nu aquilo que está oculto, dando, pelo humor, uma outra visão sobre um acontecimento ou pessoa. Ao caricaturar uma personagem política, o chargista usa de forma hiperbólica as linhas e faz, sublinhando certos traços físicos do caricaturado, um julgamento de valor. Portanto, na charge, a caricatura é um meio de mostrar os defeitos velados dos caricaturados. (ROMUALDO, 2000, p. 45).

ÁFRICA DO SUL E APARTHEID: O RACISMO COMO POLÍTICA DE DESENVOLVIMENTO

Apartheid é uma palavra de origem *zulu*⁸ que significa *separação*. Este é o nome do sistema político e econômico que vigorou na África do Sul entre os anos de 1948 e 1994. Fundamentado em princípios nazistas, a estratégia governamental era pautada no racismo.

O regime de segregação institucional se caracterizou inicialmente como uma série de medidas para demarcação e divisão do território entre negros e brancos. (MAGNOLI, 1998). A redistribuição geográfica da população tinha como meta dificultar a integração econômica dos negros.

Em 1950, o Estado sul-africano promulgou a lei que estabeleceu a edificação jurídica do sistema segregacionista: a *Lei de Registro da População (Population Registration Act)*. O decreto classificou a população levando em conta os aspectos raciais e linguísticos. (MAGNOLI, 1998). A partir da divisão e classificação dos indivíduos em brancos, negros, mestiços e asiáticos que o governo africânder realizava a distribuição de renda. Os benefícios eram partilhados de acordo com a cor da

⁸ Dialeto sul-africano.



pele, contemplando, assim, primeiramente os brancos e em um último estágio os negros (CARLIN, 2009).

Foi na década de 1960 que a África do Sul apresentou um intenso desenvolvimento econômico e fortaleceu o seu posto como país mais rico do continente. Como a distribuição dos recursos estatais contemplavam apenas a minoria branca, a desigualdade no país era muito evidente. Enquanto a população branca gozava de padrões de vida semelhantes aos de países europeus, os negros viviam em regiões áridas e casas pequenas (CARLIN, 2009).

Na década de 1970, com a implementação da *Lei de Constituição das Pátrias Banto (Bantu Homelands Constitution Act)*, o país foi dividido em estados étnicos, com o intuito de retirar a população negra dos territórios centrais.

Cerca de dez anos depois, o *apartheid* foi marcado por fortes mobilizações populares, manifestações e greves. O clima de instabilidade interna, fortalecido pelos excessos do próprio sistema culminou na derrocada do regime. Entre os anos 1980 e 1990, a população branca buscava meios de se manter no poder e para isso estava disposta a diminuir o abismo social entre brancos e negros. Segundo Demétrio Magnoli,

A superposição da sociedade de ordens e da sociedade de classes multiplicou as fontes de tensão e conflito, opondo não apenas negros a brancos mas também negros de classe média a negros proletarizados e ainda os trabalhadores organizados aos desorganizados e os residentes permanentes aos migrantes. Ao mesmo tempo, porém, a emergência definitiva de uma sociedade de classes assinalou o drible de finados do sistema do *apartheid*. (MAGNOLI, 1998, p.71).

A libertação de Nelson Mandela, no início dos anos 1990, foi reflexo da pressão internacional a que o país estava submetido. No entanto, neste mesmo ano começou a *Guerra dos Albergues* (conflitos intertribais). Os confrontos se estenderam até 1994. Em quatro anos, o número de mortos chegou a 14 mil pessoas.

NELSON MANDELA – PRIMEIRO PRESIDENTE NEGRO DA ÁFRICA DO SUL

Nelson Mandela é um dos nomes mais representativos na luta contra o racismo e a discriminação racial. Sua vida política começa em 1942, quando entra no Congresso Nacional Sul-Africano (CNA).

Na década de 1960, é preso e condenado à prisão perpétua (por sua oposição direta ao sistema) na Ilha Robben, local em que ficou até 1982, quando foi transferido para a cadeia de Pollsmoor.

No dia 11 de fevereiro de 1990, Mandiba, como é carinhosamente chamado em sua tribo, saiu da prisão. Em 1993 recebeu o prêmio Nobel da Paz. No ano seguinte foi eleito presidente, cargo que deixou cinco anos depois, sem tentar a reeleição. A liberdade de Nelson Mandela representou o recomeço da África do Sul. Embora a publicação de seus pensamentos fossem proibidos no país, o governo não conseguia controlar sua força. A meta do líder negro era transformar o *apartheid* em uma democracia multirracial. Em 2004, aposentou-se da vida pública. Desde a eleição de Nelson Mandela, a África do Sul tem sido governada por presidentes negros ligados a luta contra o *apartheid*.

NELSON MANDELA E O PROCESSO DE TRANSIÇÃO SUL-AFRICANO

Para o desenvolvimento desta breve análise serão utilizadas as metodologias da análise do discurso chárstico, pesquisa bibliográfica e pesquisa historiográfica. Foram escolhidas três charges extraídas do site Africartoons⁹. A página conta com cerca de 300 atualizações mensais do trabalho de vários profissionais sul-africanos.

Os formatos escolhidos para análise foram criados nos anos 1990 (poucos meses após libertação de Mandela; vigência do *apartheid*), 1995 (um ano após a vitória de Mandela nas urnas, transição para democracia) e 2010 (Mandela aposentado da vida pública, governo de Jacob Zuma).

A primeira charge (Figura 1) analisada foi criada por Tony Grogan, um dos profissionais de grande destaque do país, e publicada no jornal sul-africano Sunday Times em novembro de 1990.

Grogan faz uma paródia com a escultura *O Pensador*, do francês Auguste Rodin. Utilizando uma imagem que já estava presente no imaginário social, o

⁹ www.africartoons.com.br

que anteriormente foi classificado neste texto como repertório, o chargista colocou à prova o desenvolvimento político e econômico do seu país.

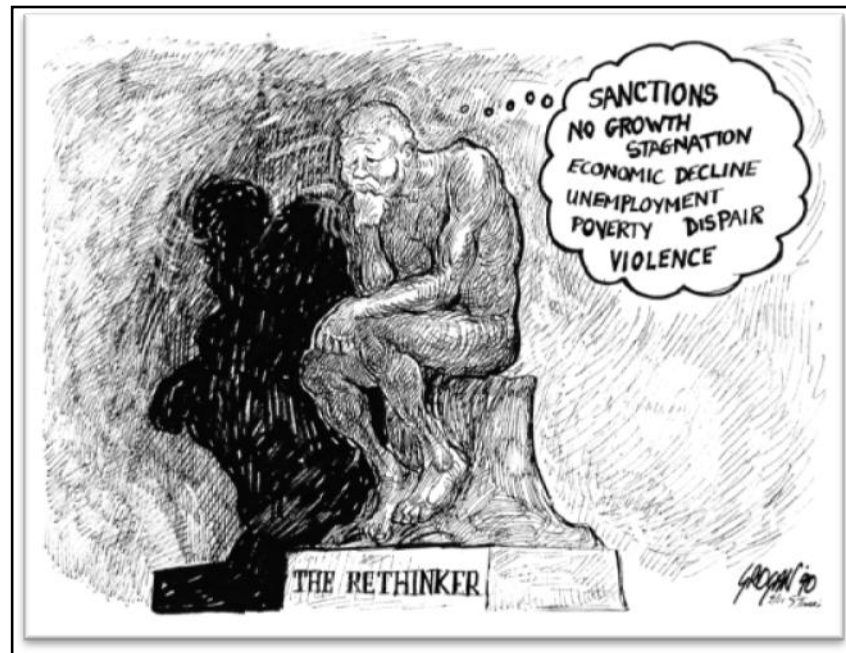


Figura 1 – O repensador (The rethinker)

Chargista – Tony Grogan

Fonte – Africartoons

A caricatura de Nelson Mandela assume a figura do repensador (*The rethinker*), com o semblante de tristeza e decepção. A paródia com a escultura é reforçada pelo formato do balão, localizado na parte superior direita da imagem. No texto verbal, o chargista trabalha a estagnação econômica e crise na qual o país estava inserido. Voltando ao contexto histórico deste momento, pesquisadores como Mangnoli (1998) e Carlin (2009) descrevem o período como turbulento. Reforçado pela violência interna e pelas sanções econômicas e embargos internacionais.

É possível conceber, com base na historiografia sul-africana, que o chargista atribuía à Mandela condições políticas de encontrar uma solução para a África do Sul. Esta charge foi produzida durante a presidência de Frederik Willem de Klerk, poucos meses após a libertação de Nelson Mandela. Neste período, os confrontos intertribais já dizimavam negros por todo o país. (MARINOVICH; SILVA, 2003).

Já a segunda imagem (Figura 2) foi criada quase cinco anos depois. Em 1995, a África do Sul não estava mais submetida o regime do *apartheid*. Esta ilustração marca a comemoração de um ano da primeira eleição multirracial, regida pelo

sistema “um homem, um voto”. Até 1994, apenas os brancos tinham o direito de escolher os representantes do país.

De autoria de Nanda Soobben, o primeiro cartunista negro a ser contratado por um jornal popular na África do Sul, a imagem foi publicada no *The Post*, com o título *Uma Estátua de Virtude (A Statue of Virtue)*.

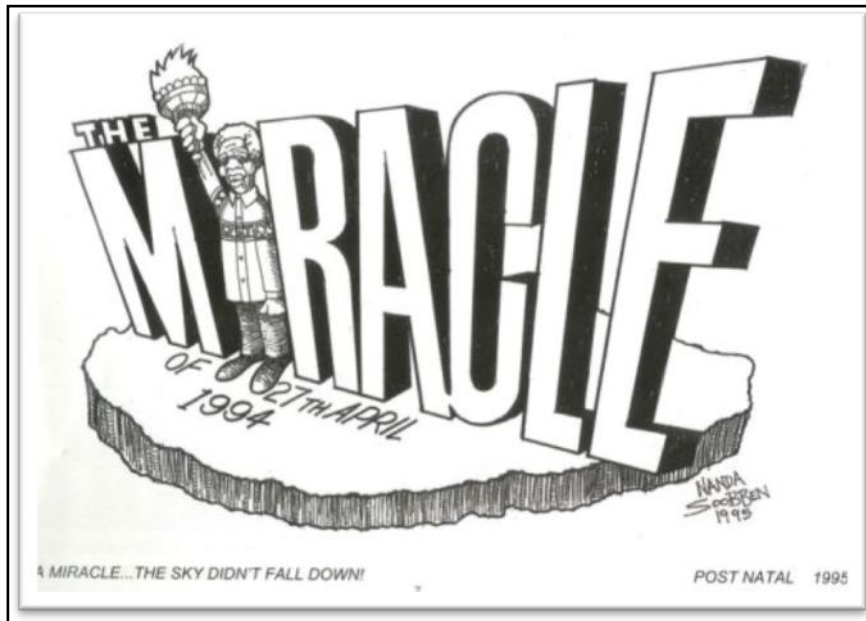


Figura 2 - Uma Estátua de Virtude (A Statue of Virtue)
Chargista – Nanda Soobben
Fonte – Africartoons

Nelson Mandela é transformado em outro ícone internacional: a Estátua da Liberdade; percebe-se novamente a recorrência ao repertório social do leitor. O cartunista destaca a data da eleição multirracial com o título de milagre. Com base na historiografia sul-africana é possível intuir que este título remeta a toda segregação que o povo negro esteve submetido por quase quatro décadas.

Soobben eleva Mandela ao posto de uma estátua de virtude, destacando assim todo o seu sacrifício pessoal (27 anos de prisão, além de perdas de amigos e familiares) na luta pelo fim da segregação racial. A frase *Um milagre não caiu do céu (A miracle ... the sky didn't fall down)* reforça essa possibilidade de interpretação.

A última charge (Figura 3) escolhida é de 2010, ano em que o país sediou a Copa do Mundo da Fifa. O argumento foi criado por Jonhatan Zapiro, o chargista mais bem sucedido da África do Sul, para o jornal *Mail & Guardian*.

A imagem é composta por caricaturas e um humor bastante ácido. Com o título *Evolução e Devolução da Democracia na África do Sul (Evolution and Devolution of Democracy in South Africa)*, Zapiro trabalha com os sete últimos presidentes da África do Sul.



Figura 3 - Evolução e Devolução da Democracia na África do Sul
(*Evolution and Devolution of Democracy in South Africa*)
Chargista – Jonhatan Zapiro
Fonte – Africartoons

A charge utiliza um argumento bastante difundido, a *Teoria da Evolução* de Charles Darwin, considerando que o homem é derivado dos primatas. Tal condição (macacos, primatas) é atribuída a todos os presidentes caricaturados, com exceção de Nelson Mandela.

O terceiro personagem (a partir da esquerda) é Pieter Willem Botha (PW Botha), o presidente que iniciou as conversas com Mandela em meados da década de 1980. Nesta charge, ele é precedido respectivamente pelos presidentes africânderes Balthazar Johannes Vorster e Hendrik Frensch Verwoerd, responsáveis pelas primeiras medidas de segregação racial.

Antes de Mandela está Frederik Willem de Klerk, o último presidente do *apartheid* e vice-presidente no governo de transição¹⁰. Zapiro representa-o como o mais ereto entre as personalidades satirizadas na imagem, na condição de quase um humano, visto que foi o antecessor do líder negro no comando do país.

¹⁰ Período como ficou conhecido o governo de Nelson Mandela.

Mandela pode ser reconhecido pelas suas vestes tipicamente sul-africanas. Sua imagem humana e ereta representa o processo de transição do *apartheid* para a democracia, pelo qual ele se dedicou por vários anos. Nessa charge é possível perceber uma crítica ácida de Zapiro aos governos anteriores e posteriores ao período de transição. O ilustrador desvenda e destrona toda a autoridade institucional destas figuras. Acredita-se ainda que a crítica é mais forte ao ex-presidente Thabo Mbeki e o atual Jacob Zuma, acusados de corrupção e má administração. Já que eram militantes nos movimentos negros.

Jonhatan Zapiro trabalha com a ideia de evolução e declínio da política sul-africana. Percebe-se um posicionamento contrário aos homens responsáveis pela condução da África do Sul.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acredita-se, portanto, que a charge é um formato comunicativo composto por diversos signos, o que, na perspectiva adotada neste trabalho, o classifica como ideológico. Diante disso, a imagem pode-se portar favorável (hegemônica) ou contrária (contra-hegemônica) ao poder vigente.

A charge é por natureza um elemento que leva o leitor à reflexão. Com características discursivas e intertextuais, é pelo humor que a imagem gera o riso, a transgressão e a inversão da ordem social.

As charges escolhidas para a análise neste artigo tiveram como tema central Nelson Mandela e a África do Sul. Nestes argumentos compostos em três momentos diferentes podemos perceber discursos contrários (1990 e 2010) e favoráveis (1995) à ordem vigente naquele país. No traço e no texto destes três artistas foi possível reconhecer o líder sul-africano com uma figura demarcadora da realidade política.

Considera-se, então, que as três charges analisadas (formatos publicados em jornais sul-africanos) assumiram, muito claramente, uma posição de crítica ao *apartheid* e ao sistema de segregação racial.

REFERÊNCIAS DE PESQUISA



AFRICARTOONS. Disponível em: <http://africartoons.com>. Acesso em 05 de abril, às 15h45.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 8.ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

CARLIN, John. **Conquistando o Inimigo** – Nelson Mandela e o jogo que uniu a África do Sul. Tradução de Teresa Carneiro. Rio de Janeiro: Sextante, 2009.

DRIGO, Maria Ogécia; SOUZA, Luciana Coutinho Plagiarini de. **A charge política jornalística como processo sógnico**. Disponível em: http://www.unisinos.br/_diversos/revistas/versoereverso/index.php?e=7&s=9&a=64. Acesso em: 10 de abril de 2011, às 22h15.

MAGNOLI, Demétrio. **África do Sul: capitalismo e apartheid**. 4.ed. São Paulo: Contexto, 1998.

MARINOVICH, Greg; SILVA, João. **O Clube do Bangu-Bangu: instantâneos de uma guerra oculta**. Tradução de Manoel Paulo Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

MIANI, Rozinaldo Antonio. **Charge: uma prática discursiva e ideológica**. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2001/papers/NP16MIANI.PDF>. Acesso em: 10 de abril de 2011, às 15h21.

MORAES, Dênis. **Comunicação, hegemonia e contra-hegemonia: a contribuição teórica de Gramsci**. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/debates/article/view/12420/8298>. Acesso em 17 de abril, às 14h17.

NELSON MANDELA CENTRE OF MEMORY. Disponível em: <http://www.nelsonmandela.org/index.php>. Acesso em: 10 de abril de 2011, às 18h.

OLIVEIRA, Carlos Eduardo Rebuá. **Gramsci e histórias em quadrinhos: Mafalda e a construção de sentidos contra-hegemônicos**. Disponível em: <http://www.gramsci.org.ar/mafalda/mafalda.htm>. Acesso em 17 de abril, às 10h15.

SANTOS, Renata de Paula dos. **África do Sul e Apartheid: Análise Imagética dos Conflitos Raciais de 1990 a 1994**. 2010. 116 p. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo). Universidade Estadual de Londrina. Londrina.